

CANCRO DO PULMÃO: CADA DIA CONTA

Para enfrentar um dos cancros com maior mortalidade, a CUF Oncologia delineou o Programa de Detecção Precoce do Cancro do Pulmão. Diagnosticar a doença numa fase inicial é a estratégia desta iniciativa que visa melhorar o cenário nacional da patologia.

Os números do cancro do pulmão continuam a revelar um panorama preocupante. Segundo Encarnação Teixeira, Pneumologista Oncológica corresponsável pela Unidade de Cancro do Pulmão da CUF Oncologia a Sul, por ano são diagnosticados cerca de 5400 novos casos, “um número bastante elevado” e que torna este o quarto cancro mais frequente em Portugal. No entanto, como sublinha a pneumologista, o mais preocupante é que “este é o tumor com maior mortalidade” a nível nacional, com cerca de 4700 óbitos por ano. A explicação reside no facto de ser um cancro frequentemente diagnosticado “em fases muito avançadas e, por isso, as taxas de mortalidade são tão elevadas”, acrescenta Encarnação Teixeira.

Bárbara Parente, Pneumologista Oncológica, Coordenadora Norte da CUF Oncologia e Coordenadora da Unidade de Cancro do Pulmão a Norte, pormenoriza ao explicar que os estadios I e II do cancro do pulmão são habitualmente operáveis, sendo este procedimento potencialmente curativo. Por outro lado, “cerca de 70 a 75% dos casos são diagnosticados em estadios III ou IV, que, na sua maioria, não são operáveis” e necessitam de terapêuticas adjuvantes como a quimioterapia, a radioterapia, as terapias-alvo e a imunoterapia. Apesar dos avanços dos últimos anos, estes estadios avançados continuam a obrigar a viver com uma doença incurável. Daí que Bárbara Parente aponte o diagnóstico precoce como “importantíssimo”, pois “um cancro do pulmão diagnosticado numa fase inicial pode permitir ao doente ficar livre de doença” depois da cirurgia e dos tratamentos eventualmente necessários.

Na CUF Oncologia, entre 2020 e 2021, foram registados 477 novos casos de cancro do pulmão.

Um programa que aposta na celeridade

Por saber que “no cancro do pulmão cada dia conta”, como frisa Encarnação Teixeira, a CUF Oncologia reforçou em 2021 o Programa de Detecção Precoce do Cancro do Pulmão, no qual, nesse mesmo ano, 216 pessoas foram seguidas. O programa, construído com base em evidência científica reunida nos últimos anos a partir de estudos internacionais, é dirigido a “pessoas assintomáticas, com mais de 50 anos, que sejam ou tenham sido grandes fumadores ou sejam portadores de algumas patologias de risco como doença pulmonar obstrutiva crónica ou fibrose pulmonar, tenham uma carga genética muito grande ou passado por exposição ambiental ou profissional a partículas ou gases nocivos e queiram saber se estão bem”, explica Bárbara Parente.

A essas pessoas é apresentado um plano de seguimento com a realização periódica de vários exames de diagnóstico, nomeadamente imagiológicos, para detetar lesões num estadio inicial de desenvolvimento. António Bugalho, Pneumologista e Coordenador da Unidade de Cancro do Pulmão da CUF Oncologia a Sul, destaca a possibilidade de realizar de forma rápida, no próprio dia da consulta se o doente o desejar, uma TAC de tórax de baixa dose de radiação, que “não é mais do que um protocolo em que a dose de radiação é muito inferior à de uma TAC normal, sendo uma mais-valia para os doentes que podem fazer exames com menor exposição e sem inviabilizar a eficácia da visualização da TAC”. Todavia, o que o especialista enaltece no campo do diagnóstico precoce do cancro do pulmão na CUF Oncologia são sobretudo os profissionais da Imagiologia, especialmente dedicados a esta temática. “A grande diferença reside nos profissionais experimentados na análise de pequenos nódulos ou lesões pulmonares”, frisa, explicando ainda que os radiologistas adstritos a este programa têm elevada *expertise*, sendo “super especialistas” nesta área.

E no caso da confirmação de um diagnóstico de cancro do pulmão, o “diagnóstico e estadiamento acontecem com a máxima das celeridades”, conta António Bugalho, destacando o trabalho das gestoras oncológicas no contacto com o doente, na organização das marcações de exames e no planeamento de eventuais tratamentos. “Temos tudo muito bem organizado para que cada pessoa tenha rapidez de resposta e para que se diminua a ansiedade da espera e se inicie o tratamento o mais rapidamente possível”, reforça o pneumologista.

Uma equipa em prol do doente

Seja em contexto de diagnóstico ou de tratamento do cancro do pulmão, o que os especialistas destacam no acompanhamento do doente é a visão multidisciplinar de cada caso. “Para oferecermos o melhor diagnóstico, o melhor tratamento, os melhores cuidados de saúde a um doente com cancro do pulmão tem de haver multidisciplinaridade”, sublinha António Bugalho, dando nota do entrosamento que existe entre todos os elementos da equipa: pneumologistas, oncologistas, imagiologistas, radioncologistas, médicos de Medicina Nuclear, cirurgiões, anátomo-patologistas, farmacêuticos, entre outros.

Bárbara Parente

Adjunta da Direção
Clínica e Coordenadora
Norte da CUF Oncologia,
Coordenadora da
Unidade de Cancro
do Pulmão a Norte



António Pedrosa (4SEE)

"Um cancro do pulmão diagnosticado numa fase inicial pode permitir ao doente ficar livre de doença."

Encarnação Teixeira

Corresponsável pela
Unidade de Cancro
do Pulmão da CUF
Oncologia a Sul



Luís Filipe Catarino (SSEE)

Sobre o tratamento do cancro do pulmão, Bárbara Parente está convencida de que “a imunoterapia veio para ficar”. Abriram-se muitas possibilidades com esta nova linha de tratamento e hoje a discussão passa por saber qual o melhor momento de introdução da imunoterapia e como a associar a outros tratamentos como a quimioterapia, a terapia dirigida ou mesmo a associação de várias opções farmacológicas dentro da imunoterapia. Um cenário que, comenta Encarnação Teixeira, “mudou por completo o algoritmo terapêutico do cancro do pulmão em fases avançadas da doença”, com sobrevivências aos cinco anos nunca vistas com outro tipo de tratamento.

A equipa da CUF Oncologia também está empenhada em participar em ensaios clínicos que possam trazer novas opções de tratamento inovadoras. Bárbara Parente avança que no Hospital CUF Porto tem cerca de 12 ensaios clínicos a decorrer na área do cancro do pulmão, desde fases mais precoces da doença a fases mais avançadas, o que tem permitido aos doentes aceder a fármacos em desenvolvimento a que, de outra maneira, não teriam acesso. Contudo, apesar da inovação científica, da que já chegou ao mercado e da que se está a desenhar na investigação clínica, o que António Bugalho ambiciona é também uma mudança no comportamento coletivo e individual. “Se pudesse ter um desejo, seria apostar na prevenção primária, ou seja, na diminuição do número de fumadores, porque só assim conseguiríamos reduzir o número de novos casos e, seguramente, a mortalidade iria diminuir bastante nos próximos anos”, afirma o pneumologista.

“Temos tudo muito bem organizado para que cada pessoa tenha rapidez de resposta e se inicie o tratamento o mais rapidamente possível.”

António Bugalho

Coordenador da Unidade
de Cancro do Pulmão
da CUF Oncologia a Sul



Luís Filipe Catarino (SSEE)

TESTEMUNHO

António Alberto Ribeiro

“Na hora certa encontrei as pessoas certas”

António Alberto Ribeiro integrou o Programa de Detecção Precoce do Cancro do Pulmão da CUF Oncologia e conseguiu detetar a doença numa fase precoce. Está a meio do percurso terapêutico e confiante de que “vai correr tudo bem”.

António Alberto Ribeiro, 68 anos, é um homem do desporto. Professor aposentado de Educação Física, sempre levou uma vida ativa, mas fumava desde os 17 anos. Passou por várias consultas de cessação tabágica e até esteve cinco anos sem tocar num cigarro, mas voltou ao velho hábito.

Curiosamente, sempre foi um grande defensor da desabituação tabágica e não deixa de ostentar um certo orgulho por ter convencido amigos e conhecidos a deixar o tabaco, mas reconhece as dificuldades que enfrentou para ele próprio o fazer, mesmo quando lidou com dois casos de cancro do pulmão na família.

António começou a ser acompanhado na CUF por questões cardíacas e respiratórias. Aceitou a recomendação de ser seguido no Programa de Detecção Precoce do Cancro do Pulmão pois sabia ser uma pessoa de risco – pela sua idade, hábitos tabágicos e antecedentes familiares. Este cancro “quanto mais cedo for detetado, melhor”, garante.

No acompanhamento regular pela equipa, uma TAC torácica anual revelou o nódulo pulmonar que levou à realização de uma PET (Tomografia por Emissão de Positrões) que confirmou algo de anormal. Após a biópsia, o diagnóstico de cancro do pulmão em estadio inicial foi confirmado. Em três semanas, António realizou os exames e fez a cirurgia para retirar o tumor, quase “sem ter muito tempo para pensar no assunto”. Agora olha para trás e está convicto de que “se não estivesse neste programa, teria tido um desfecho muito pior” e está agradecido à equipa que o acompanhou. “Na hora certa encontrei as pessoas certas”, assegura.

O professor aposentado, que finalmente abandonou o vício do tabaco, mostrou-se sobretudo feliz por ter conseguido “uma coisa maravilhosa”: convenceu finalmente a filha a deixar de fumar.

